

JOGANDO ÁGUA FORA DA BACIA

Marilda veio menina ainda para Franca, da vizinha Igarapava, pequena cidade às margens do Rio Grande na divisa com as Minas Gerais pelo Triângulo Mineiro. Aqui estudou no IETC, onde aprendeu a jogar basquete, esporte que os meninos do professor Pedroca começavam a desenvolver. Em meados dos anos 60, com a construção do ginásio de esportes do Clube dos Bagres e o sucesso da equipe dirigida pelo professor Pedroca, que lutava de igual para igual com os grandes clubes paulistas como Sírio, Corinthians, Palmeiras, XV de Piracicaba e outros, o basquete passou a ser o segundo esporte da cidade em termos de público, embrião da potência no esporte da cesta que a cidade se tornou.

Diferentemente da forte equipe masculina, que disputava o campeonato paulista de clubes pelo Clube dos Bagres e representava Franca quando preciso em torneios de seleções das cidades, a equipe feminina era montada apenas para os torneios de seleções, era o time da cidade. Os Jogos Abertos do Interior eram a principal competição para esses times e o grande adversário na região era Ribeirão Preto.

Liderada por jogadoras como Vera, Daicy Vedovato, Olga (conhecida depois como “Véia”, no setor de esportes da prefeitura), Nenzinha Franchini (depois famosa empresária do ramo de bebidas), Marilda cavou seu espaço no time da cidade. Foi nesse time que a vi jogar nos Jogos Abertos da Alta Mogiana em Araguari (MG) em 1964, em quadra descoberta. Meu pai tinha trabalhado como bancário lá no Triângulo mineiro, gostava de visitar os amigos que deixou e ainda aproveitava para comprar couros para seu curtume junto ao Negrinho Dorázio, empresário araguarino. Ficamos no mesmo hotel que a delegação francana, no café da manhã encontrávamos o prof. Pedroca, Hélio Rubens, Anginho e as meninas do basquete.

Em Araguari, Marilda foi melhor jogadora e cestinha do time campeão que finalmente ganhou de Ribeirão Preto. Era um jogo mais lento que o masculino, com uma pontuação baixa. Algumas partidas eram escandalosamente desiguais, pois as equipes de cidades muito pequenas eram representadas por estudantes de algum colégio local, e eram fragorosamente derrotadas pelas equipes mais bem estruturadas das cidades maiores. Inspiradas no visual das seleções masculinas brasileiras campeãs do mundo de 1959 e 1963, os calções e camisetas eram de um tecido brilhante, o que dava um colorido vibrante à movimentação das atletas.

Mas o que chamou minha atenção foi quando, num daqueles jogos perdidos, Marilda sofreu uma falta quando estava no garrafão adversário batendo a bola em direção à cesta. O juiz marcou falta com direito a dois lances livres. Marilda pegou a bola, bateu, bateu, bateu no chão, parou, pegou a bola com as duas mãos por baixo e, como se estivesse jogando água fora da bacia, arremessou e acertou as duas tentativas. Soube que Marilda nos deixou dias atrás. Na memória, restou a lembrança daqueles dois pontos, hoje parte do folclore do esporte, impensável alguém bater lance livre assim.

Mauro Ferreira é arquiteto